

# Isaias Melsohn: semeador de inquietações epistemológicas

Marilsa Taffarel

Revista Brasileira de Psicanálise  
número especial, p. 189-203 · 2017

## Resumo

Este artigo relata aspectos da trajetória intelectual, percorrida por Isaias Melsohn, um dos pioneiros na recepção da psicanálise em São Paulo. Inicia sua investigação de forma mais estruturada na década de 1950. Isaias foi um homem pertencente ao melhor meio intelectual paulistano. Isaias nutriu-se das discussões e indicações de leitura de Anatol Rosenfeld, intelectual judeu alemão, que justamente veio aportar nestas terras durante a ascensão do nazismo. Munido de concepções provenientes da filosofia fenomenológica, da psicologia da forma, da linguística, sobretudo das investigações de E. Cassirer sobre o sujeito mítico, sobre a linguagem expressiva, e da função poética da fala (Jakobson), propôs nova conceituação da representação inconsciente, nem só imaginária, nem só simbólica: a um só tempo imaginária – imaginação criativa – e simbólica.

## Palavras-chave

percepção expressiva; epistemologia; símbolo presentificador; inconsciente.

MARILSA TAFFAREL é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP.

Isaias foi, em nosso meio psicanalítico, um primeiro e persistente semeador de inquietações epistemológicas. Buscou fundamentos condizentes com o que considerava a principal descoberta freudiana: a presença de elementos linguísticos não discursivos na fala e nas formações do inconsciente – elementos ou concomitantes poéticos que dão forma *ad hoc* aos impulsos coartados em seu desenvolvimento.

Assinalava a fundamental importância de realizar um percurso mais amplo na formação psicanalítica. Na verdade, ele praticava isso de forma incansável. Retirar a psicanálise do âmbito do pensamento da filosofia empirista/positivista constituiu um dos projetos de vida de Isaias Melsohn, psicanalista de múltiplos interesses culturais. Justamente por isso, pôde buscar ferramentas fora do âmbito da psicanálise: na filosofia, sobretudo em E. Husserl e E. Cassirer; na psicologia da forma e na linguística de Jakobson.

Ao longo de sua vida, Isaias procurou incessantemente interlocutores no Brasil e no exterior, sem grande sucesso. Contudo, permaneceu absolutamente fiel a suas ideias e ideais. Só após a publicação de seu livro *Psicanálise em nova chave*, em 2001, aos 80 anos, teve essa satisfação. Bento Prado, notável filósofo e ensaísta da USP-São Carlos, um dos poucos filósofos que compreendeu a descoberta freudiana, resenhou seu livro – resenha verdadeiramente significativa.

Isaias, nos quase 40 anos em que deu conferências e ministrou cursos, nos textos e no livro que escreveu tardiamente, tratou de temas relacionados a aspectos fundamentais da teoria psicológica e psicanalítica.

Sua contribuição consta de dois momentos. Primeiro: uma reflexão crítica sobre o estatuto epistemológico e ontológico do conceito de *representação inconsciente*, em função da qual segue um caminho que passa pelo exame de conceitos básicos como *imaginação*, *percepção*, *sentimento* e *imanência da consciência*. Depois de examiná-los no âmbito da psicologia clássica, ou seja, a psicologia empirista, mostra como foram inteiramente reformulados a partir de investigações levadas a cabo pela psicologia da forma e, na filosofia, pelos fenomenólogos; mostra como ambas as investigações são retomadas criativamente por Cassirer. Já estamos então no segundo momento. Nele, Isaias reconstrói o conceito de representação inconsciente, no sentido de representação *Unbewusste*, literalmente *não sabida*, *não conhecida*. É aí que sua clínica está apoiada, como também, fundamentalmente, nas contribuições de Roman Jakobson, um dos maiores linguistas do século passado, um dos fundadores do Círculo Linguístico de Moscou e do Círculo Linguístico de Praga. Essa influência é decisiva, pois o afasta dos perigos da linguística de Saussure, que será decisiva para Lacan. Jakobson dialetiza as oposições saussurianas (metáfora/metonímia, língua/fala, sincronia/diacronia). É de Jakobson que Isaias extrai o conceito fundamental de *função da fala*, mais precisamente *função poética da fala*.

Isaias absorveu com intensidade o meio intelectual que São Paulo lhe ofereceu: a

indicação de Susanne Langer, discípula americana de Cassirer, foi verdadeiramente inaugural de seu projeto. Seu livro *Filosofia em nova chave* (1971) foi apresentado a ele por seu professor de filosofia e crítico teatral Anatol Rosenfeld. Através de Langer, Isaias chegou a Cassirer. A gratidão a essa filósofa se mostra no título que Isaias quis dar a seu próprio livro, *Psicanálise em nova chave*. Cassirer, é sempre bom lembrar, era desconhecido como filósofo aqui em São Paulo. Somente suas obras de historiador da filosofia eram encontradas nas bibliotecas convencionais.

Isaias conviveu com os nossos poetas, os irmãos Campos, que valorizavam Roman Jakobson; absorveu a importância que sua amiga Regina Chneiderman dava à leitura de Freud e das várias correntes da psicanálise em seus seminários; apoiou-se na análise estrutural dos mitos de Lévi-Strauss, pensador considerado em nosso meio.

Dada a atmosfera cultural que o envolvia, Isaias pôde traçar um caminho que evitou fortes influências que se derramaram sobre a psicanálise no século passado, como o estruturalismo, e que exigiram – e também, é verdade, possibilitaram – revisões criativas, como em Lacan e em seus primeiros e principais discípulos.

Numa entrevista feita por Sonia Azambuja e Amazonas Alves Lima para a revista *Ide* (1980), à qual já recorri em artigo anterior, Isaias mais uma vez assinala o quanto os psicanalistas ficam imersos na filosofia e na psicologia sem sabê-lo. Utilizam-se de

conceitos como o *pensamento*, a *realidade psíquica*, a *observação da experiência*, o *real*, a *percepção* sem se dar conta da proveniência deles. Por que inexistente uma reflexão crítica interna à psicanálise sobre a noção de percepção que ela adota? Por que os grandes teóricos da psicanálise não consideraram a revisão total feita pela fenomenologia nos fundamentos epistemológicos e, também, na concepção de homem da psicologia clássica? – perguntava-se Melsohn. Há, em geral, uma convicção da independência da psicanálise em relação a toda psicologia sobretudo, mas também a outras disciplinas. Isaias mostra que, no entanto, esses conceitos da psicologia empirista estão presentes e são determinantes daqueles propriamente psicanalíticos, os conceitos metapsicológicos, sobretudo o de *inconsciente representacional* e seus correlatos, tais como *repressão*. Era com certa amargura que Isaias falava sobre a penetração da psicologia empirista na psicanálise e, decorrente disso, o perigo de sua verdadeira vocação se perder definitivamente. Pensava que devíamos empreender um embate profundo e contínuo com essa tradição, uma vez que ela poderia ter um efeito bloqueador.

Isaias era um desses pensadores que se preocupavam com o destino do conhecimento ou dos saberes não hegemônicos. Disse ele em uma das muitas vezes em que se referiu a isso:

Com a moda do estruturalismo e a crítica à fenomenologia, as contribuições de Sartre (1940) e a *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty (1945) foram ficando cada vez mais distantes. Talvez desapareça

a possibilidade de sua progressiva incorporação ao pensamento teórico psicanalítico. A luta das ideias é terrível, inúmeras contribuições importantes perderam-se ao longo da história. (Melsohn, citado por Sister & Taffarel, 1996, p. 172)

Por isso mesmo, incansavelmente repetia que devíamos estar atentos para a grande renovação ocorrida na filosofia e na psicologia a partir da virada do século xx. O psicanalista precisaria transitar pelas vias abertas por outras disciplinas que investigaram as formas e as manifestações do sentimento. Essa seria uma maneira de obter novas perspectivas de apreensão, de reflexão e de aperfeiçoamento da prática clínica. Referia-se aos fenomenólogos pós-husserlianos, Sartre, Merleau-Ponty e Max Scheler; referia-se acima de tudo a Cassirer, que elaborou uma crítica muito profunda e radical dos fundamentos empiristas da psicologia das sensações e forneceu reformulações a partir das quais conceitos centrais da psicanálise puderam ser revistos. Esse era para Isaias o caminho para uma reflexão teórica profunda.

### Existem dois Freuds

Isaias Melsohn costumava sintetizar sua leitura da psicanálise dizendo que existiam dois Freuds, os quais era preciso distinguir. Entre eles havia uma verdadeira fratura epistemológica.

Um deles é o Freud voltado para a captação do sentido, presente nas grandes

obras publicadas em torno dos anos 1900 e nos grandes casos clínicos. Esse Freud ampliou grandemente o espectro das manifestações humanas dotadas de sentido: o gesto humano, o sonho, o chiste, o ato falho, o sintoma neurótico. Apreende a camada de sentido presente na organização das palavras numa sintaxe não discursiva, não horizontal da frase, e sim na conexão vertical. Freud fez uma revolução semântica no campo da significação dos fenômenos psíquicos e da cultura.

É a esse Freud que também Lacan se volta para reler, renovar e revivificar a psicanálise que perdera sua virulência com a psicanálise do ego.

A existência de dois Freuds foi também objeto de reflexão para Georges Politzer em sua obra, tornada clássica, *Crítica dos fundamentos da psicologia* (1928). Politzer criticou a redução, feita pela teorização freudiana, da psicanálise à psicologia clássica, cientificista. A metapsicologia é para ele uma abstração, padece de realismo. Com ela, Freud abandona sua descoberta: a descoberta do sentido individual e concreto do sonho.

Politzer é retomado em 1960, no IV Colóquio de Bonneval, sobre o inconsciente, por S. Leclaire e J. Laplanche, que fizeram uma homenagem ao momento inicial de seu pensamento, o da obra citada. Para eles, Politzer não propõe um retorno às velhas objeções de uma psicologia da consciência; a crítica à metapsicologia não é um problema para eles – o “velho arsenal metapsicológico” precisa mesmo ser substituído. O que sim é

criticado é a ideia de Politzer da imanência do sentido: criticavam a noção reducionista de um gesto, uma palavra na fala do analisando ser um signo original inventado pelo sujeito. Politzer praticava uma redução, um achatamento da dimensão subjetiva.

Bento Prado, importante filósofo e estudioso da psicanálise, já citado, em seu artigo “Georges Politzer: sessenta anos da *Crítica dos fundamentos da psicologia*” (1991) denominou a abordagem de Laplanche e Leclaire de *neolacanianana ortodoxa*. Escreveu criticamente:

o que se critica em Politzer é uma concepção dualista ou expressivista – e não ternária, como deveria – do sentido, que pensa apenas a relação vertical entre conteúdo manifesto e um sentido latente. Os tempos agora são os da lógica e da linguística, em que importa menos a imanência significativa num signo qualquer que os esquemas de substituição dos signos entre si. (pp. 16-17)

Freud criou a psicanálise *ex nihilo*? – perguntava-se Isaias. Sim, Freud era dotado de uma imaginação criadora extraordinária, mas essa liberdade imaginativa, para Isaias, perdia-se sempre que Freud tentava fundamentá-la numa estrutura teórica já existente, ou seja, nas concepções naturalistas que dominavam os meios neuropsiquiátricos e psicológicos à época de sua formação médica e que continuaram a dominar. Nessa concepção, os atos psíquicos, como a percepção, eram

compreendidos de acordo com a tradição do empirismo inglês – Hume, Berkeley – sobretudo. Basicamente, a percepção é uma cópia do mundo que se imprime na consciência a partir dos dados fornecidos pelos órgãos dos sentidos. *Grosso modo*, deriva dessa ideia o conceito freudiano de representação inconsciente, presente nos textos metapsicológicos, enfatiza Isaias.

### A influência de Husserl

A primeira grande influência sobre o pensamento de Melsohn foi o filósofo E. Husserl, fundador da fenomenologia, e sua crítica à imanência psicológica, a sua concepção de consciência aberta para o mundo (consciência é *consciência de*), os seus conceitos de *ato noético*, ou ato intencional, e *noema*, um sentido ou uma significação, relativos a um objeto intencional, apreendido como externo. Ou seja, o objeto da percepção ou da imaginação não está dentro da consciência. A partir de sensações internas apreendemos qualidades sensíveis de objetos externos. As qualidades sensíveis dos objetos externos, como a cor e a luminosidade, são apreendidas pelas sensações internas. As sensações não são imagens (em alemão, *Bilder*); elas são a base sensorial para representar objetos transcendentem à consciência que podem ser perceptivos ou imaginários.

Melsohn pôde pensar, a partir da crítica à imanência, um mundo interno consistente com uma ordem, uma organização complexa de impulsos, uma delicada trama de estruturas de movimentos intencionais

(noésis) que, projetados e espacializados, possibilitariam a determinação dos objetos. O interno encontra sua forma nos objetos e cenas que o mundo oferece (noema).

### Segunda grande influência de Melsohn: a psicologia da forma

Isaias chegou à psicologia da forma através de Ernst Cassirer. A psicologia da forma, com seus trabalhos experimentais e sistemáticos, contribuiu muito para a crítica das teorias da psicologia clássica. Köhler, na década de 1920, ao analisar as hipóteses empiristas, segundo as quais todo fato sensorial local é estritamente determinado por seu estímulo, visa a evidenciar que, ao contrário, as características dos estímulos, nas suas relações mútuas, têm um papel central na experiência sensorial local. Para Köhler, explica Isaias, certos estímulos são suprimidos, outros ocupam o primeiro plano, havendo uma transformação real de certos fatos sensoriais em outros.

O que importa aqui é que não temos uma simples reprodução. Há uma atividade do sujeito nesse nível. Outro dado importante dessa psicologia para Isaias: a percepção de expressões, a captação afetiva do mundo, é primária e geneticamente anterior à percepção de coisas. O fato expressivo tem um significado que reside nele mesmo. A expressão não é um signo referencial que remete a um significado diferente dele próprio. Percebemos diretamente, sem recorrer a experiências anteriores – inferências ou mediações de algum tipo –, as propriedades expressivas inerentes aos objetos.

### O peso decisivo de E. Cassirer

Isaias elabora cuidadosamente suas ideias retrabalhando concepções de Ernst Cassirer, filósofo alemão que se radicou nos Estados Unidos durante a escalada nazista na Alemanha. O projeto desse filósofo, segundo um dos seus estudiosos, John Michael Krois (1987), era realizar uma síntese do pensamento filosófico do século XX, que se encontrava dividido em duas direções opostas: de um lado, o positivismo lógico do Círculo de Viena; de outro, a filosofia da vida, de Kierkegaard a Heidegger. Daí sua riqueza.

Central no pensamento desse filósofo, o conceito de *símbolo* permitiu-lhe encontrar um fator comum a todas as formas culturais que examinou: o mito, a arte, a linguagem e a ciência. Cassirer entende por símbolo qualquer tipo de dotação de sentido ao sensível.

Em cada universo cultural, o símbolo assume uma forma particular. No mito, o significante está fundido ao significado; na linguagem, há uma separação ou diferenciação entre o significante e o significado, embora na fase expressiva da linguagem não haja ainda essa diferenciação.

E na ciência – lógica matemática –, terceiro modo de relação simbólica, o símbolo não simboliza coisas, mas relações. Ele perde a massa sensível. A interpretação científica do mundo se expressa num sistema fechado de signos, independente do mundo sensível.

O exame do que Cassirer encontrou na estrutura do *pensamento mítico* possibilitou seu avanço até a subjetividade primordial, o modo originário de comportamento e configuração da consciência, presente no mito, nas ideias religiosas – e, para Isaias Melsohn, também na neurose.

Nas mais primitivas expressões há um trabalho de objetivação e de conformação de uma emoção intensa, à qual Cassirer irá chamar *desejo*. Na arte, temos o mesmo processo – com uma diferença essencial: o artista reconhece a si mesmo como autor das imagens ou das palavras criadas, enquanto o homem mítico é assombrado pelo que ele mesmo criou. Suas produções tornam-se seres que o afetam. O artista sabe que sua obra é uma representação, embora não seja uma “mera representação”. A poesia – sobretudo a poesia lírica –, para Susanne Langer (1980), cria uma vida virtual. O termo *virtual* é usado no sentido positivo: para significar que há vida correndo nas “veias” das palavras.

O ponto que nos interessa aqui é o reconhecimento de uma atividade produtiva do sentimento. Cassirer irá chamar de *metafora radical* a transposição de uma intensidade afetiva em uma palavra, em um fonema ou imagem. Uma tensão interna que se “resolve” nos fonemas da linguagem ou numa conformação mítica imagética – por exemplo, num deus momentâneo, uma das mais primitivas entidades míticas.

O objeto mítico é uma presença irruptiva na consciência, que tende ao isolamento

de um conteúdo e não permite o estabelecimento e a expressão de relações entre pontos isolados – pelo contrário, há uma tendência para a concentração, condensação, intensificação, caracterização isolada. Nesse tipo de pensamento, não há a representação de um conteúdo por outro. “Todo e qualquer objeto, dentro da perspectiva mítica, sofre uma espécie de ‘transcendência’ que transforma a existência imediata em uma revelação que desvela e oculta, conferindo ao objeto o caráter sacro” (Cassirer, 1972, pp. 106-107).

Para sustentar sua tese, é crucial a distinção criada por Cassirer entre dois tipos de percepção: objetiva e expressiva. Compreende-se, assim, o mito na forma de um mundo autônomo e originário, fundado na percepção expressiva, e não como uma constante transgressão das leis da lógica e dos fatos da percepção objetiva.

A percepção expressiva é, para Cassirer, o correlato subjetivo das produções míticas. O sujeito mítico é um ato de manifestação-expressão e de vivência-expressão. Esse sujeito, que se apresenta mais intensamente na criança, apresenta-se no adulto sempre que se esvai a diferenciação eu-tu, símbolo-simbolizado. Eis um exemplo do próprio Isaias:

Eu passo numa rua, por uma construção. Cai um objeto, eu me apercebo, eu de repente fico transido, eu me desvio, ativa-se um esquema interno, próprio de uma estrutura funcional assim chamada esquizo-paranoide, para me pôr a salvo, ou eu fico paralisado, ao sabor do perigo. Eu sequer me dou conta se é um tijolo colorido, um

pedaço de concreto, um caibro. Talvez eu me dê conta vagamente de uma forma, mas trata-se de uma *forma perigosa*, despojada das demais qualidades sensíveis dos objetos da percepção trivial. O que me acontece nesse estado? Há uma total contração da experiência, tudo o mais que pertence ao acervo subjetivo se eclipsa e desaparece, só aquele objeto é centro da minha atenção e absorve a totalidade da minha consciência. (Melsohn, 2001, p. 92)

Como mostra Bento Prado (2002) na resenha que fez do livro de Isaias Melsohn, através de Cassirer, Isaias enriquece a psicanálise. Pode recorrer a ele e aos filósofos que se inserem dentro da linhagem da fenomenologia, sem tornar-se um fenomenologista. *Horribile dictu*, para os psicanalistas que sempre, e com razão, veem o perigo da descoberta fundamental de Freud se dissolver nas mãos dos filósofos. É preciso acrescentar: não apenas, nem sobretudo, dos fenomenólogos, mas dos filósofos positivistas, do estruturalismo estrito, dos hermeneutas racionalistas, como Jaspers e Apel.

### Crítica à representação de coisa separada da palavra

No trabalho de Freud sobre a afasia (1891/1973) está o que Melsohn considera a concepção “epistemológico-psicológica” central de Freud: a *representação de coisa*. Fundamento da teoria psicanalítica, a representação de coisa é, para Freud, o registro sensorial inconsciente do objeto.

Como todos sabemos, para Freud, a condição para que a representação de coisa seja passível de consciência é associar-se à representação de palavra – ela precisa entrar no circuito da linguagem. A concepção de linguagem de Freud é a mesma da psicologia empírica do século XIX: recepção e registro de sensações auditivas de som, de sequências de letras, palavras, frases, e a emissão articulada de sons ouvidos. O nome liga-se firmemente à representação do objeto, que é, por sua vez, resultado de associações de sensações visuais, olfativas, auditivas, tácteis, cenestésicas etc. que provêm do objeto. Decorre disso que o registro de um objeto é independente da significação linguística. Haveria uma realidade inominada no inconsciente. A linguagem apenas denotaria o que a percepção fornece.

Cassirer retoma essa questão da relação da linguagem com o mundo da percepção apoiado em Wilhelm von Humboldt, que, a partir de investigações sobre as formas da percepção, mostra que não podemos conceber a linguagem como nomeando o que a percepção nos dá. Ao contrário, a linguagem tem um papel diretor na percepção e na compreensão do mundo. A unidade do nome é que permite a unificação da multiplicidade das representações, assinala Cassirer. A linguagem é, para ele, o instrumento de constituição da realidade. A linguagem nasce e está fundida com o mito. Mas o estudo minucioso que o autor faz do processo do desenvolvimento da linguagem, no primeiro volume da *Filosofia das*

*formas simbólicas*, mostra como a linguagem ultrapassa o mito, sua fase expressiva, e com esse desenvolvimento conduz à racionalidade, à percepção objetiva, e possibilita a construção da ciência.

Para Isaias, essa concepção da inseparabilidade da linguagem e da percepção, bem como do papel fundamental da linguagem para a constituição do mundo dos objetos, é crucial.

Isaias examina também a mudança na concepção do sentimento. Com James-Lange, cuja teoria data de 1885 – teoria que Freud incorpora na metapsicologia –, o sentimento era entendido como uma modificação orgânica vegetativo-motora, como um processo de descarga percebido pela consciência como um “estremecimento” interior. Melsohn lembra-nos que, mesmo quando Freud criticou essa teoria, manteve a ideia do sentimento como processo interno que se liga a representações. Essa teoria sofreu uma reviravolta com Husserl, que concebe o sentimento como uma forma de apreensão do objeto, uma apreensão afetiva do mundo. Cassirer, por sua vez, seguindo essa direção aberta por Husserl, compreende a emoção e o sentimento como percepção de qualidades expressivas.

### O símbolo presentificador/equação simbólica

Exponho aqui, de forma muito breve, uma aproximação que fiz em um artigo no final

da década de 1990, século passado, entre Klein e Melsohn, no que diz respeito à, chamemos assim, *simbolização primeva*. Vamos recorrer a Jean-Michel Petot (1987) para tal.

Para Petot, importante estudioso de Melanie Klein, a renovação mais radical feita por ela está em sua concepção de símbolo: a noção de *equação simbólica* é fundamental, na medida em que, a partir dela, se reconhece uma atividade semântica no pensamento onipotente. Petot menciona Cassirer como um dos pensadores que difundiram a noção de símbolo e simbolismo desde a segunda década do século xx. Petot sublinha a contemporaneidade das publicações de Klein e de Cassirer sobre o tema e deixa patente o desconhecimento de M. Klein do conceito de *símbolo mítico*, também chamado de *símbolo presentificador*, por oposição a *símbolo representativo*.

Cito literalmente meu artigo “A subjetividade básica na psicanálise e na filosofia das formas simbólicas”:

A partir de Hanna Segal, que retoma o artigo de Melanie Klein “A importância do símbolo na formação do ego”, de 1930, passam a ser reconhecidos, claramente, dois tipos de simbolização: a equivalência simbólica e o símbolo propriamente dito. No artigo de Melanie Klein, o equacionamento ou equivalência é estabelecido pela angústia. No entanto, como aponta Petot, M. Klein distingue apenas nominalmente equivalência (*Geichsetzung*) e símbolo propriamente dito. Conceitualmente, ela os confunde. M. Klein, diz Petot, “não considera a equivalência como um fato

positivo, resultado de uma atividade do ego ou do psiquismo em geral, porém como um fato puramente negativo [...] uma inaptidão para a discriminação [...] limita-se a considerar a equivalência como base do simbolismo e do interesse por objetos exteriores”. (Taffarel, 1997, pp. 375-376)

Para Klein, estamos aí no nível pré-verbal. Trata-se de um símbolo não linguístico. O símbolo linguístico – resultado de uma atividade criativa – só é possível na posição depressiva, na qual se estabelece uma série de separações do que estava fusionado na posição esquizoparanoide.

Cassirer, em seus extensos estudos sobre a linguagem, distingue, nas mais diferentes línguas, uma fase não representacional, chamada *linguagem expressiva*. Cassirer, portanto, pode postular o símbolo expressivo como sendo também verbal, entendase, linguagem expressiva.

Com tal conceito, advindo das extensas e cuidadosas investigações de Cassirer, Isaias Melsohn reuniu fundamentos suficientes para conceber uma reformulação do conceito de representação inconsciente, a qual, por sua vez, não se coaduna com a noção freudiana de repressão, uma vez que ela é mais uma poiésis que uma formação do inconsciente determinada pela repressão. Não há lugar para um inconsciente reprimido pela censura interna. Compreende ele a representação mental basal – *Unbewusste* – como resultado de impulsos que se objetivam no contato sensível com o mundo exterior. Essa é uma representação *Unbewusste*, em sua literalidade: não sabido, não conhecido.

### A fobia de Hans: exemplo privilegiado

Isaias em várias passagens de seu livro examina a fobia do pequeno Hans. Retoma Freud, considera que as representações que dizem respeito ao complexo edípico, tais como o desejo em relação à mãe, o impulso de castrar o pai, o terror de ser castrado, estão no inconsciente. Representações derivadas destas, inconscientes e modificadas pelo processo primário, como as representações da fobia, têm acesso à consciência. Essas revelam e escondem as verdadeiras representações edípicas de Hans, que através do processo analítico viriam à consciência articuladas e com clara significação. As verdadeiras representações edípicas estavam no inconsciente. O aterrorizante cavalo caindo e esperneando esconde (e mostra) a verdade da fobia: o pai como objeto das motivações afetivo-pulsionais de Hans. O cavalo, na cena que motiva a fobia, exprime, para Freud, outro contexto perceptivo, as percepções que envolvem o pai.

A postulação de uma representação pai no inconsciente seria, para Isaias, produto de uma análise intelectualista resultante da adoção da teoria psicológica vigente. Melsohn entende a fobia de Hans como uma produção originária, na qual uma emoção intensa – os impulsos mobilizados no menino pela vida sexual dos pais, o pavor da castração, o desejo de eliminar o pai, de possuir a mãe – ganha forma através de

uma imagem propícia, a cena do cavalo que escorrega e cai.

A construção fóbica de Hans é perceptiva – percepção expressiva. Ela objetiva os impulsos contraditórios e as vivências do menino. É uma objetivação simbólica do mundo interno de impulsos em suas relações com o mundo externo. As estruturas internas de impulsos (noéticas) se fixam através do conteúdo fóbico (noema). A forma da experiência emocional, para Isaias, organiza-se de um modo peculiar, como um símbolo presentificador da experiência, com sentidos ambíguos, numa linguagem não discursiva, não literal, condizente com o universo mítico em que se passa. Enfim, a fobia do pequeno Hans tem por função construir um determinado nível de conflito e não mascará-lo. Impulsos e sentimentos, aqui, adquirem consistência e forma definida mediante a criação de uma concepção, de um conteúdo de pensamento (Melsohn, 2001, p. 24).

Essa compreensão do caráter original da representação/apresentação mítica do sujeito em transferência é decisiva para situar a posição do analista diante de seu paciente. No encontro com o analista, fratura-se a consciência e a linguagem imerge no seu funcionamento expressivo. O estrato mítico imbrica-se mais fortemente com o representacional propriamente dito. O analista imerge nessa forma de comunicação e, ao recuperar-se, pode ser o mediador entre uma situação de alienação no objeto, com o qual o sujeito em análise está fundido

naquele momento especial do encontro, e a conquista de uma subjetivação, um fazer-se sujeito reflexivo.

O papel de mediador só será efetivo se a linguagem usada pelo analista contiver elementos poéticos – função poética da fala –, se não for uma fala explicativa. Para Melsohn, a comunicação não explicativa é assim concebida:

Se pudermos conceber que a vida do sentimento tem uma sintaxe especial – uma síntese ordenada, no verdadeiro sentido da palavra sintaxe –, compreenderemos que há uma semiótica específica da sessão psicanalítica; ela permite mostrar a expressividade objetivada na fala, no comportamento, no gesto do paciente. [...] verificamos que a comunicação expressiva do analista desempenha um papel também primordial. Assitimos aqui, como ocorre na poesia, à união indissolúvel entre sentido e significação, entre valor musical e valor de referência da palavra humana. (2001, p. 261)

A análise é um trabalho poético, de criação de representações de caráter mítico pelo paciente e sua passagem para o plano discursivo, pelo analista. Esse trabalho é que permite a modificação de estruturas afetivo-impulsivas que compõem o *estado esquizoide*. (Melsohn acreditava ser mais acertada tal denominação, uma vez que no bebê não se trata de experiências afetivo-expressivas paranoides.)

Para Isaias, a escuta atórica na sessão psicanalítica é fundamental. O analista deve fazer uma “suspensão”, uma *epoché* das teorias psicanalíticas que dariam um

sentido antecipado para sua escuta. Além disso, a atenção flutuante é um convite à suspensão própria aos valores semântico-referenciais do discurso, com sua organização sintático-horizontal. É um convite para abrir a sensibilidade para relações outras: contradições, repetição temática, assonâncias, polaridades, inversões.

Isaias sempre destacou o valor expressivo, o momento privilegiado do encontro entre analista e analisando, de qualquer outro momento na sessão. Um turbilhão emocional é desencadeado nele. Isaias, na sua descrição dos primeiros momentos do encontro, lembra-nos a passagem em que Merleau-Ponty, na *Fenomenologia da percepção*, descreve o encontro com o outro: “tudo à volta é imediatamente visto de uma forma diferente, os dois corpos formam um único todo. Não existe mais um eu e um outro” (1975, p. 365).

Para Isaias, é aí que são mobilizados impulsos insuspeitados que não teriam outra maneira de se constituírem. O analista,

também invadido pela experiência emocional do encontro, enfrenta uma dupla exigência: aceitar a invasão acolhendo-a, a fim de poder, a seguir, apreender o seu sentido e formulá-lo numa interpretação. Porém, é essencial que a função expressiva esteja presente na comunicação do analista. Assim, o paciente poderá ouvir a si próprio falado por outrem; poderá se reconhecer dentro e através do outro, numa nova fusão, dessa vez simbólica. O efeito mutativo da interpretação resulta da união do sentido expressivo e da significação do som e da letra, do poder musical e designativo da palavra. A apreensão do sentido de uma fala vai desvelar a articulação de impulsos e do valor emocional da relação humana que se configura naquele instante.

### Análise é análise do presente

Segundo Isaias, a análise é análise do presente, e não análise do passado. A sessão

analítica, como o mito, como o sonho, é uma forma muito específica de articulação da vida emocional e de relação intersubjetiva. O trabalho do analista, de certa forma, é uma continuação do trabalho de metabolização feito pela figura materna.

Vemos na concepção melsohniana de análise como análise do presente uma diferença notável com Lacan, em seu escrito “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1966/1998), e sobretudo com os chamados *psicanalistas narrativistas*. Não se trata, para Isaias, da transformação do passado em uma narrativa em primeira pessoa, nem da “reconciliação com sua própria história”, como é a função da análise para Lacan no texto citado. Não é o passado conteudístico, poderíamos dizer, no sentido de espaço que armazena lembranças, o que importa prioritariamente, mas a rearticulação, a resintetização, o desdobramento de experiências impulsivo-emocionais que são feitos através da memória simbolizadora

do presente, do aqui e agora da relação analítica.

Como vimos, Isaias conserva a concepção fundamental na psicanálise da inacessibilidade do homem a ele mesmo. É preciso que haja um analista que se proponha a viver o caos, o vórtice gerado no encontro com seu paciente, a imergir nele. Imergir “no livre curso da identificação projetiva, na apreensão poética e mítica, na ‘abertura’ sem *a priori* de cada sessão analítica” (Melsohn, 1980, p. 20), para a seguir recuperar a capacidade reflexiva, a assimetria em relação ao paciente, e tentar exprimir o caos em palavras musicalmente articuladas para que o nível do pensar e o do ser possam aproximar-se.

Isaias pensa o inconsciente sem conteúdos reprimidos, inconsciente não conteudístico. Trata-se de uma estrutura não dotada de concretude, não feita de experiências particulares, equivalente à ideia freudiana de *imago* como Merleau-Ponty a entendia: um esquema emocional desligado de origens empíricas.

### Isaias Melsohn: sembrador de inquietudes epistemológicas

El texto relata aspectos importantes de la trayectoria intelectual, pero no intelectualista, del recorrido de Isaias Melsohn, que fue uno de los pioneros en la recepción del psicoanálisis en São Paulo. El modo como el autor recibe al psicoanálisis es peculiar. Estaba imbuido de la importancia de la interrogación sobre los fundamentos de determinadas nociones y conceptos del psicoanálisis – los metapsicológicos de 1915 –, permitiendo que otros, los más ricos y renovadores, se salvaguardaran y se apoyaran en una epistemología atinente a ellos. Inició su investigación de forma más estructurada en la década de 1950. Isaias fue un hombre perteneciente al mejor medio intelectual de la ciudad de São Paulo. En ese medio, se encontraban figuras importantes que trajeron un conocimiento profundo sobre lo que se investigaba entonces en Europa Central y sus desarrollos con los refugiados de la guerra en los EUA. Isaias se nutrió de las discusiones y sugerencias de lectura de Anatol Rosenfeld, intelectual judío alemán, que aportó en estas tierras durante la ascensión del nazismo. Munido de concepciones provenientes de la filosofía fenomenológica, de la psicología de la forma, de la lingüística, sobre todo de las averiguaciones de E. Cassirer sobre el sujeto mítico, sobre la lengua expresiva, y de la función poética del hablar (Jakobson), Isaias propuso nueva conceptualización de la representación del inconsciente, ni solo imaginaria, ni tampoco solo simbólica: a la vez imaginaria – imaginación creativa – y simbólica.

**PALABRAS CLAVE:** percepción expresiva; epistemología; símbolo presentificador; inconsciente.

### Referências

- Cassirer, E. (1972). *La philosophie des formes symboliques, 2: la pensée mythique*. Paris: Minuit.
- Cassirer, E. (1976). *Filosofía de las formas simbólicas, 3: fenomenología del reconocimiento* (A. Morones, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica.
- Cassirer, E. (1985). *Filosofía de las formas simbólicas, 1: el lenguaje* (J. Cabanes, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica.
- Freud, S. (1973). *La afasia* (R. Alcalde, Trad.). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1891)
- Krois, J. M. (1987). *Cassirer: symbolic forms and history*. New Haven: Yale University Press.

### Isaias Melsohn: the sower of epistemological concerns

The author writes about important aspects of the intellectual (but not intellectualistic) path that was taken by Isaias Melsohn, one of the pioneers in welcoming (or rather, accepting) psychoanalysis in São Paulo. The way he welcomes psychoanalysis is unique. He was convinced of the importance of questioning the foundations of certain psychoanalytic ideas and concepts – the metapsychological ones (1915) – in order to enable other concepts, richer and newer, to be protected and supported by an epistemology that was related to them. He starts his investigation, in a more structured way, in the 1950s. Isaias was part of the great intellectual milieu of São Paulo. In that environment, we could find important figures who shared a deep knowledge of Central European studies at that time and those researching ramifications by the refugees in the USA. Isaias was nurtured by debates and some reading suggested by Anatol Rosenfeld, a German-Jewish intellectual who came to Brazil because of the rising of Nazism. After furnishing his own mind with ideas and concepts from phenomenological philosophy, psychology of form, linguistics, and especially from E. Cassirer's investigations on the mythic subject, expressive language, and the poetic function of language (Jakobson), Isaias proposed a new concept of unconscious representation, which is neither only imaginary nor only symbolic, but it is both imaginary (creative imagination) and symbolic at the same time.

**KEYWORDS:** expressive perception; epistemology; “presentifying” symbol; unconscious.

- Melsohn, I. (1980). Professor Isaias Melsohn [Entrevista com Sonia Azambuja & Amazonas Alves Lima]. *Ide*, 6(8), 7-24.
- Melsohn, I. (2001). *Psicanálise em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (1975). *Fenomenología de la percepción* (J. Cabanes, Trad.). Barcelona: Península.
- Petot, J.-M. (1987). *Melanie Klein 1: primeiras descobertas e primeiro sistema (1919-1932)* (M. Levy et al., Trans.). São Paulo: Perspectiva.
- Prado Jr., B. (1991). Georges Politzer: sessenta anos da *Crítica dos fundamentos da psicologia*. In B. Prado Jr. (Org.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 9-28). São Paulo: Brasiliense.
- Prado Jr., B. (2002, 12 de janeiro). A terceira via de Melsohn. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Jornal de Resenhas. Recuperado em 23 jan. 2017, de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1201200213.htm>.
- Sister, B. & Taffarel, M. (1996). *Isaias Melsohn: a psicanálise e a vida*. São Paulo: Escuta.
- Taffarel, M. (1997). A subjetividade básica na psicanálise e na filosofia das formas simbólicas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31(2), 363-380.

Marilsa Taffarel  
Rua Oscar Freire, 2271  
05409-011 São Paulo, SP  
mtaffarel@terra.com.br